



Paulina Luisi (1895-1950) _ Memórias de uma maçonaria uruguaia em Portugal

No início do século XX, uma jovem médica, atravessa o Atlântico para se especializar na cidade da Luz, e termina por estabelecer raízes e afecto com o movimento feminista português.

Apesar da sua intermitente estadia entre nós, Paulina Luisi partilhou momentos importantes do feminismo português, e a sua participação foi reconhecida pela imprensa portuguesa. Empenhada de alma e coração no movimento associativo, chegou mesmo a fazer-se afiliada na maçonaria feminina republicana. Foi recebida a 30 de maio de 1921 na R.'. L.'. Humanidade do Grande Oriente Lusitano Unido-GOLU, com o nome simbólico de Marie Deraisme, sendo V.'. M.'. Adelaide Cabete (Louise Michel), com quem mantinha uma estreita relação de amizade.

A afiliação maçónica de Paulina parece ter sido o corolário de um relacionamento cimentado no feminismo e no internacionalismo feminista, na identificação de objetivos comuns para a emancipação das mulheres e pelos seus direitos civis, nomeadamente o sufrágio feminino. A questão demográfica e a eugenia eram outras preocupações que levavam Paulina e Adelaide Cabete a confluir e a participar nos Congressos sobre Abolicionismo.

Como pioneiras na formação e prática de «medicina das senhoras» Paulina Luisi e Adelaide Cabete, eram higienistas e pedagogas, e activas defensoras da Educação sexual e do combate à prostituição e proxenetismo.

Inspiradas na acção do International Council of Women(ICW) e no CNFF de Ghénia Avril de Saint-Croix, de quem receberam apoio para fundar, nas respectivas pátrias, o Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas em 1914, e el Consejo Nacional de Mujeres em 1916 no Uruguay, fizeram destas organizações um espaço de associativismo emancipador e de luta pela instrução da mulher.

Com Carmen de Burgos Y Saguí¹, criou a Liga Internacional de Mujeres Ibéricas e Hispanoamericanas, de cujo núcleo português eram membros, Ana de Castro Osório e Elzira Dantas Machado². Paulina Luisi integrou igualmente a direcção do International Women Suffrage Alliance (IWSA), entre 1924 e 1932, uma ramificação do ICW, e, foi membro honorário do CNMP, tendo participado no 1º Congresso Feminista e de Educação em 1924 e no 2º Congresso de 1928, onde apresentou uma tese sobre educação sexual.

A relevância e credibilidade de Paulina entre as feministas portuguesas fez com que tivesse representado o movimento nos Congressos Feministas promovidos pelo IWSA em Christiânia e Genebra em 1920, ano em que participou nas Conferências da Associação Comercial de Lojistas Portugueses, a convite da Comissão de Educação do CNMP. Ao lado de M^a Clara Correia Alves falou sobre o direito ao voto, comunicação que posteriormente foi publicada na revista “Alma Feminina” na rúbrica - Conferências feministas, n^o5,6, maio e junho de 1920.

A Revista Alma feminina³, que entre 1920 e 1922 lhe dedicou vários artigos, inclui o seu nome na galeria de “Feministas Ilustres”. O jornal “A Notícia” integrou-a num painel de Figuras Feministas, quando em 1928 de passagem por Lisboa se dirigia para uma reunião da Comissão do “tráfego de brancas” da Liga das Nações. Maria Veleda que com ela também conviveu bastante, “*durante a sua permanência de alguns meses em Lisboa*”⁴, entrevistou-a para o jornal “O Século”, sobre a situação das mulheres no Uruguay (12/04/1920 p.1).

Ao serviço do seu país como representante diplomática da República do Uruguay junto da Sociedade das Nações, e delegada do governo na Comissão de Protecção da Infância e da Juventude e contra o tráfego de mulheres e crianças (1920 a 1932) ou como feminista, Paulina era reconhecida internacionalmente. É Adelaide Cabete quem o reconhece ao referi-lo numa sua intervenção na Dieta do GOLU⁵. Mas não lhe bastava a militância feminista ela precisava implicar-se na

¹ Nota – la Colombine, nome simbólico de Carmen de Burgos que foi iniciada na RL Beatriz Angelo, 1920.

² Esteves, J. Feminismo, Feminismos e Sufragismo na 1ª República, in Mulheres na República. Ed. Colibri.Lx2011

³ Alma Feminina- Boletim Oficial do CNMP

⁴ Maria Veleda. Memórias de M.Veleda.-XVI, in República,28/03/1950,p.5.col2.

⁵ A defesa da R.'L.'. Humanidade, Fev.1923, transcrito por Marques da Costa,F- A maçonaria Feminina. Veja.1979.

mudança social, num projecto para todos. Na sua terra natal, opta pelo socialismo como via transformadora das sociedades, sendo uma das fundadoras do Partido Socialista do Uruguay.

Filiada em 1921, na Loja Humanidade, no reingresso desta loja ao seio do GOLU, num ambiente de reivindicação pela igualdade maçónica, acompanhou a desvinculação da RL.' Humanidade do GOLU e a sua integração no Direito Humano. Embora ausente, subscreve o pedido oficial de integração da RL Humanidade na Ordem Maçónica Internacional «Le Droit Humain»⁶. Tendo atingido a Mestria no mesmo ano em que foi iniciada, é elevada ao 14 ° grau, no Capítulo Humanidade, a 12/10/1925 ⁷.

A partir de 1926 as liberdades individuais deixam de existir e são criadas as condições para uma nova política de domesticação do género feminino, que levou à censura e à ilegalização da maçonaria, com a lei nº1901 de 21 de maio de 1935. A relação entre Paulina e Portugal desaparece, mas não a sua memória.

Representação da GLFP no CLIMAF

27 de Março de 2021

⁶ Marques da Costa. F-A maçonaria Feminina. Lx 1979. Anexo 28.

⁷ Marques da Costa. A maçonaria Feminina. Lx 1979. Anexos 36,38